

HISTÓRIA E MEMÓRIA EM *UM CHAPÉU PARA VIAGEM* DE ZÉLIA GATTAI

Ceres Helena Ziegler Bevilaqua (UFSM, RS)

Em sua obra *Le pacte autobiographique* (1980), Philippe Lejeune defende que um texto é autobiográfico quando apresenta relatos introspectivos, em prosa, que alguém faz de sua própria existência. Assim, num primeiro momento, torna-se necessário que autor/narrador e personagem sejam a mesma pessoa. Também é importante haver um pacto entre narrador e leitor o qual dará respaldo à veracidade do texto.

Em *Um Chapéu para Viagem*, de Zélia Gattai, o texto confessional é desenvolvido a partir das memórias da autora relacionadas ao período de 1945 a 1948, quando conheceu Jorge Amado, seus irmãos e seus pais. Ao apresentar fatos relacionados a esse passado, Zélia está trabalhando via memória e isso lhe permite fazer relatos carregados de subjetividade, pois, além de autora e narradora, ela também é personagem desses acontecimentos narrados, quesito essencial para uma autobiografia, no entender de Lejeune.

Seu texto confessional caracteriza-se por relatos introspectivos, nos quais a visão da autora/narradora/personagem está vinculada à memória, já que, para a elaboração desta obra, Zélia não procurou nenhum recurso que a auxiliasse nos relatos dos fatos, sejam eles relacionados à história política do país, sejam referentes à sua vida particular.

Muitos fatos relacionados à infância e à adolescência de Jorge Amado foram narrados a Zélia por seu João e por dona Eulália, pais do escritor. Logo, esses fatos chegam ao leitor reproduzidos das histórias que a narradora ouviu dos sogros; dessa forma, a veracidade de um texto é posta em prova e a ficcionalidade ganha forma.

Se num texto tudo é ficção; o narrador, as personagens, as ações, tudo está envolto pela ficcionalidade, será necessário o pacto entre narrador e leitor, defendido por Lejeune, o que dará respaldo à veracidade do texto. Esse pacto pode se dar de várias maneiras.

Em *Um chapéu para viagem*, a autora inicia o texto apresentando o motivo que a fez escrever suas memórias: homenagem a Jorge Amado no ano em que comemorava o cinquentenário da publicação de seu primeiro romance (1931-1981) como também pelo seu septuagésimo aniversário, em agosto de 1982.

Dessa forma está selado o pacto entre autor/narrador/personagem e leitor; um pacto que coloca a narradora no compromisso com a verdade.

Os fatos apresentados como verídicos, a história do cotidiano do período de 1945 a 1948 são o “diamante bruto”, no dizer de Ecléia Bosi, que será “lapidado” pela criação do artista, no caso da escritora Zélia Gattai.

Ao narrar fatos de sua vivência com os pais e irmãos de Jorge Amado, a narradora recupera, via memória, um passado de lutas partidárias nacionais, devido à intensa atividade política de Jorge Amado. A história do dia-a-dia no Brasil nesse período de guerra mundial, de nasifacismo, de perseguição aos imigrantes alemães e italianos é retratada por alguém que, como Zélia, sentiu e viveu o problema da perseguição política, numa família de “anarquistas” por tradição.

Seu pai, Ernesto Gattai, imigrante italiano, era descendente de anarquistas toscanos que chegaram ao Brasil no fim do século XIX, juntamente com um grupo de revolucionários que fundaram a Colônia Cecília em plena selva amazônica. Sua mãe,

Angelina, também chegou ao Brasil ainda criança, quando seus pais vieram substituir a mão-de-obra escrava nas fazendas de café em São Paulo, após a abolição. A narradora revela que foi criada no meio de “livres-pensadores”, como seu pai se definia.

É, a partir de sua vivência familiar, que se dá a atração pela ajuda comunitária, pois, como revela na obra, cresceu acompanhando seus pais em festas proletárias, “ouvindo conferências políticas, recitando poemas de Castro Alves e de Guerra Junqueiro nos palcos das Classes Laboriosas...” (1982:15).

Essa apresentação que a narradora faz de seu próprio passado, de suas origens serve para localizar o leitor no ambiente em que ela cresceu para, posteriormente, apresentar o ambiente em que conheceu Jorge Amado, então militante político do Partido Comunista, bem como sua vivência com os sogros, João e Salu, objeto de suas memórias.

Assim, esse texto confessional segue uma certa cronologia, mas não chega a ser uma autobiografia no modelo tradicional, pois não há rigidez nessa ordem cronológica; muitas vezes, a pretendida cronologia é interrompida para a narradora recuperar um fato esquecido ou mesmo para justificar certa atitude.

Exemplo dessa ruptura está quando, em pleno desenvolvimento da narrativa de sua viagem com Jorge a Porto Alegre e seu encontro com o cunhado James Amado, interrompe a seqüência para recuperar o momento em que conheceu James: em São Paulo, em pleno mês de julho, assistiram juntos, da janela do apartamento de Jorge, ao desfile dos pracinhas recém-chegados da Itália, tendo como cenário a Avenida São João, onde o povo, em festa, saudava os heróis de Monte Castelo. O próprio título desse capítulo já denuncia o retorno ao passado “Flashback com desfile”, sendo que, em seguida, a narrativa é retomada com o relato da estada em Porto Alegre, na chácara de Henrique Scliar.

Outro motivo da interrupção da cronologia narrativa são as constantes introduções, feitas pela narradora, do presente no passado, ou seja, a narradora antecipa um fato que, cronologicamente, só aconteceria no tempo futuro da narrativa e o coloca em suas memórias para transmitir a idéia da conseqüência futura, ou passar a idéia de que tal fato ou atitude é rotineira e se perpetuará, como já, nessa alturas, o leitor pôde observar. Exemplo está no seu relato da maneira como Jorge Amado datilografava seus textos, com apenas dois dedos, quando o conheceu e que, da mesma maneira, continua fazendo agora, no tempo presente: “Com apenas dois dedos – como faz até hoje ao escrever à máquina.” (1982:35). Outro exemplo apresentado se refere à mãe de Jorge: “Somente vinte anos mais tarde, já morando na Bahia, foi que passei a chamá-la de *Salu*, quando, ao ficar viúva, declarou-me solenemente ...” (1982:57).

Em outra passagem, disserta sobre o termo “piroquete” muito usado pelos membros do Partido, mas que só quarenta anos após ela soube o seu significado. “Hoje, quase quarenta anos decorridos do surgimento da expressão piroquete, volto a me interessar pelo assunto e encontro a definição da palavra, num verbete de dicionário ...” (1982:141). A narradora também antecipa fatos de sua vivência com Jorge, como o de nunca mais ter dançado com ele, após um baile em São João do Meriti: “... tive pela primeira e última vez a honra de dançar com Jorge. Nunca mais, em parte alguma, em nenhuma circunstância, ele voltou a conceder-me o prazer de uma contradança.” (1982:145).

As muitas interferências têm seu apogeu no momento em que a própria personagem-narradora anuncia que romperá com os cânones da autobiografia tradicional, pois sua memória “no atropelo das lembranças saltita no tempo”, ávida por

relatar fatos relacionados a pessoas cuja amizade ultrapassa qualquer regra e faz esquecer compromissos com a linearidade cronológica.

Assim, a narradora age de forma bastante radical, interrompendo, abruptamente, a seqüência dos relatos que vinha desenvolvendo, para, justamente, romper com a ordem cronológica, como ela mesma se justifica e antecipa no título da enunciação: “Interrupção para romper a rigidez da cronologia”. Dessa forma, ela anuncia a interrupção e depois explica que o fez porque segue sua memória e esta, muitas vezes, mostra-se confusa ante episódios já passados:

“Escrevo estas páginas ao correr das lembranças que se embaralham em minha memória, por isso mesmo, por vezes a cronologia sofre. (...) Ocorrem-me as recordações, abro espaço onde encaixá-las, mesmo rompendo o fio da meada. Peço desculpas e mando novamente a cronologia rígida ao diabo que a carregue, para contar como vim a conhecer, tempos depois, os escritores acima referidos.” (1982:124).

Após se justificar, desculpando-se de ter interrompido a narrativa de suas leituras no Sítio do Rio, a narradora passa a relatar quando e como conheceu os escritores que até então só conhecera através da leitura de seus romances nos solitários momentos de espera por Jorge, então dedicado aos compromissos de Deputado Federal do Partido Comunista. Passa, então, a narrar como conheceu e se tornou amiga de Ferreira de Castro e Helena, de Alves Redol, de Michael Gold, de Anna Seghers e de Oçoá Ehrengirg. Esses relatos, além de apresentarem cada escritor citado, auxiliam para mostrar um pouco da história do dia-a-dia dos intelectuais na Europa, desde os problemas políticos que enfrentaram até as necessidades econômicas pelas quais passaram.

Também é relatada, neste item, a convivência de Jorge Amado com a intelectualidade de vários países, seja na participação em congressos na Polônia, na Hungria, na então Tchecoslováquia, em Moscou, seja no seu cotidiano parisiense rodeado de jovens e também de outros já consagrados escritores do mundo inteiro que procuravam Paris como a capital do livre pensamento.

Essas interrupções acontecem várias outras vezes, mas sempre precedidas de uma explicação, explicitando o pacto criado pela personagem-narradora com o leitor e isso só contribui para aumentar o caráter de veracidade do texto narrado. Além das explicações, o relato da amizade com poetas conhecidos mundialmente, como Pablo Neruda e Nicolás Guillén, também transmite credibilidade, auxiliando no respaldo necessário para que um texto tenha veracidade.

Para Henri Bérson (1988), a memória funciona como uma reserva que se alastra a cada instante, à medida que é solicitada, sendo ela que dispõe de toda a experiência adquirida pelo indivíduo. Assim, num texto memorialístico, a narrativa depende da capacidade da memória do narrador em armazenar fatos passados, que serão transportados para um tempo presente, envolvidos pela criação artístico-literária de quem os narra.

O texto confessional revela, então, ações verídicas, mas que são “trabalhadas” por mãos de um narrador que as transforma em discurso, e este, pela distância temporal, receberá a lapidação involuntária, mas, muitas vezes, necessária para se fazer compreender. Isso acontece em *Um chapéu para viagem* quando Zélia interrompe o discurso para dizer que exagerou um pouco na descrição de determinada pessoa ou narração de algum fato.

Essa sinceridade faz parte do pacto com o leitor e também auxiliará na veracidade da essência dos acontecimentos, mesmo que eles estejam “lapidados”, pois a “lapidação” foi confessada. O leitor percebe que não há interesse em enganá-lo, mas em mantê-lo sempre informado acerca do real e da ficção.

Em outras ocasiões, ao narrar, através da própria memória, sua vivência com pessoas amigas, Zélia passa por momentos em que a criatividade ficcional ascende e ultrapassa o nível do verossímil, como na passagem em que narra as visitas de seu João, pai de Jorge, à Livraria José Olympio. Como poderia a narradora relatar pormenores das visitas do Coronel à Livraria se eles não fossem relatados pelo próprio Cel João, já que ela não estava presente? E, se narrados por alguém, deixaram de ser vivenciados pela autora das memórias, passando a fazer parte da memória de outrem, o que propicia a ficcionalização, fugindo ao respaldo verídico dado ao texto confessional e, conseqüentemente, à idéia inicial do pacto com o leitor.

Por outro lado, a narradora, muitas vezes, confessa esquecer nomes de pessoas e de lugares por onde passou e isso cativa o leitor, pois dá à personagem-narradora características humanas, aproximando ainda mais a narrativa do verossímil. Exemplo pode ser citado na confissão do esquecimento do nome da cidade no interior do Ceará, na qual por pouco não foram linchados por católicos fanáticos, comandados pelo padre do lugarejo onde o então Deputado Jorge Amado deveria fazer um comício em prol de um candidato do Partido Comunista. Outro exemplo é a confissão da pouca lembrança que ficou de uma amiga de Joelson, irmão de Jorge “Cabelos arrumados, a jovem amiga de Joelson (seu nome seria Irmã? guardo dela apenas leve lembrança)...” (1982:69).

Em *Um chapéu para viagem*, não apenas a história do cotidiano é apresentada, como também são enfocados episódios da história política do Brasil. Zélia Gattai é de família de tradição anarquista, como ela própria relata no capítulo “Origens”, sua infância e adolescência foram recheadas de festas proletárias e conferências políticas, daí seu envolvimento com atividades ligadas aos trabalhadores e, posteriormente, à política partidária acompanhando Jorge Amado.

Assim, muitos são os relatos de episódios políticos por ela própria presenciados, como o que chamou “Um fato corriqueiro durante o Estado Novo” no qual narra que sua casa foi invadida em plena madrugada e seu pai levado à força, juntamente com uma espingarda Flaubert, recortes de jornais e livros, inclusive os dramas anarquistas de Pietro Gou. Aqui a narradora detalha o desespero da mãe, dona Angelina, em tentar justificar que os recortes eram recolhidos por ela e guardados com muito zelo, mas, mesmo assim, não foi lhe dada importância e seu Ernesto levado juntamente com os recortes, que retratavam fatos políticos como a prisão e expulsão para a Itália do Legendário líder anarquista Oreste Ristori, velho amigo da família Gattai.

Este acontecimento, que resultou na prisão de seu Ernesto (1938), foi o marco inicial de uma vida de privações e sofrimentos para a família Gattai, formada pelo pai, mãe e cinco filhos (três mulheres e dois homens). Após a cadeia, o julgamento e a absolvição por falta de provas de “terrorista perigoso”, seu Ernesto “fraco, depauperado, a saúde para sempre comprometida, (...) não resistiu à febre tifóide que o acometeu, tempos depois de ter saído da prisão. Morreu em 1940, aos cinquenta e quatro anos.” (1982:19).

Os fatos narrados e ocorridos entre 1945 e 1948 têm a história do Brasil como seu pano de fundo. O dia-a-dia de Zélia e Jorge revela uma fração da atividade política do Partido Comunista na época da ditadura do Estado Novo. Foi nessa época, antes de conhecer Zélia, que Jorge Amado teve de se exilar na Argentina e lá publicar *El*

cabalero de la esperanza, já que no Brasil isso seria impossível. Escrevendo a biografia de Luiz Carlos Prestes, o escritor baiano desafiava o Estado Novo, denunciando a ditadura que se implantara, ao mesmo tempo em que nele lançava uma campanha pela anistia. Daí a grande repercussão que teve a obra na época e a sua conseqüente proibição. Zélia, várias vezes, refere-se à obra de Jorge Amado sobre Prestes e deixa transparecer a emoção que a leitura lhe provoca. Traduzia do espanhol em voz alta para sua mãe ouvir e ambas se emocionavam ao se depararem com os horrores do exílio: o cárcere incomunicável, o sofrimento de Olga Benário, mulher de Prestes, expulsa do Brasil em adiantado estado de gravidez, levada para a Alemanha e lá sendo morta em câmara de gás pelos nazistas.

A narradora também coloca o leitor a par da dificuldade em encontrar livros de Jorge Amado neste período, por ser ele considerado o “escritor amaldiçoado” pela ditadura da época. Em novembro de 1937, seus livros foram apreendidos e queimados em São Paulo e na Bahia. Este era o clima que envolvia a intelectualidade brasileira.

Mesmo sem seguir uma cronologia de fatos políticos, a narradora revela outro lance da ditadura: em 1942, quando um submarino alemão afundou um navio brasileiro, o governo criou medidas de represália contra os súditos do eixo, ou seja, “contra alemães e italianos radicados no Brasil, e, como primeira sanção, decretou o congelamento de suas contas bancárias.” (p. 27, Gattai). Como mais outro navio foi afundado, o governo decidiu que “retiraria uma certa porcentagem dos depósitos bancários dos súditos, a cada navio brasileiro afundado...” (1982: 27).

Esse relato é relevante, pois, além de localizar o leitor nos acontecimentos que levaram o Brasil a entrar na 2ª Grande Guerra, também revela o problema da mãe de Zélia, Dona Angelina, viúva que vivia do pequeno juro mensal da sua caderneta de poupança e, agora, defrontava-se com a iminência de até isso perder.

Ao se referir à obra *Um chapéu para viagem* como memórias de uma vida, mesmo que seja de um período da vida da narradora/personagem, parte-se do quesito de que este período revela muito da história do Brasil, pois, através do texto memorialístico, Zélia conseguiu recuperar um pouco da história política do Brasil no período de 45 a 48. Para muitos leitores, os relatos de episódios da ditadura de Getúlio Vargas servem para ativar a memória e fazer com que muitas lembranças se tornem mais próximas. Para outros, que não vivenciaram aquele período, a obra passa a ser informativa, com cunho didático.

O relato desses inúmeros episódios da história do Brasil, a presença de personalidades como Getúlio Vargas, Luiz Carlos Prestes, entre muitos outros, contribuíram para a veracidade do texto de Zélia Gattai. A narrativa do envolvimento em episódios internacionais e o relato de experiências junto a renomados intelectuais, de vários países, também dão credibilidade ao texto.

A relação de identidade entre narrador e personagem, seguida de constante auto-avaliação por parte da autobiógrafa, levam o leitor a crer que está ante uma autobiografia; que *Um chapéu para viagem* é o relato que Zélia Gattai faz de suas experiências vividas no Brasil, junto aos familiares de Jorge Amado, até sua partida para a Europa, em 1948, quando lá foi viver com o escritor, então exilado em Paris.

Escrito entre 1980 e 1982 *Um chapéu para viagem* é um relato feito a partir de uma reflexão, via memória. Sabe-se que em uma autobiografia a autora já está distante dos fatos que narra, logo sua visão é retrospectiva, isto é, os fatos são reordenados a partir de uma retrospectiva reflexiva. E, como diz Lejeune, os autobiógrafos são também

atores, pois, ao mesmo tempo, são autores, narradores e personagens da sua própria narrativa.

BIBLIOGRAFIA

Bérgson, Henri. *Memória y vida* Textos escolhidos. 1988.

Bosi, Ecléia. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. SP: Quatro, 1979

Gattai, Zélia. *Um chapéu para viagem*. São Paulo: Ed. Círculo do Livro, 1982.

Lejeune, Philippe. *Le poete autobiographique*. Paris: Seuil, 1980.